

# O Boquet à Angeja

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 18500, 8 mezes 18000, 4 mezes 500, Brazil 38000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

## REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

## ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

## SUMMARIO

Discurso proferido pelo snr. ministro do reino.  
O imposto sobre os arrosacs.  
Revista internacional.  
Noticiario.

## Secção litteraria :

Na praia (poesia) — *Guerra Junqueiro*.  
Uma carta — *João Chrysostomo*.  
Formosa e sympathica (poesia) *Alice Moderno*.  
Collar de perolas (poesia) — *João Saraiva*.  
Buena-dicha — *Alberto Costa*.  
Receio (poesia) — *J. Brites*.  
A ella! (poesia) — *Annibal Leão*.  
No jardim publico — *Adir-Agram*.  
Horas vagas — *Caloiro*.

ANGEJA, 8 DE JUNHO DE 1887

**Discurso proferido pelo sr. ministro do reino, José Luciano de Castro, na sessão de 3 de maio, e que devia ler-se a pag. 375. col. 2.ª, em resposta a um discurso do sr. Lopo Vaz.**

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS:—O illustre deputado que encetou o debate, entende, e assim o declarou, que a primeira e maior responsabilidade da situação cabe ao presidente do conselho, e que, portanto, é a mim que principalmente compete aceitar as graves responsabilidades que pesam sobre o governo.

Disse-o s. ex.ª, e disse bem; e tanto em concordo com o appello que s. ex.ª fez para mim, que me apresento na estacada, acceitando o repto, e assumindo claramente todas essas responsabilidades que o illustre deputado exige de mim, sem deixar contudo cada um dos meus collegas de tomar tambem a parte que lhes cabe como membros do governo. Acceitamos-as todas e completas.

Aqui estou, pois, snr. presidente, em face do illustre deputado, em presença da camara e do paiz. Defendo-me por mim e pelo governo; defendo-me pela situação que represento. Direi mais. Defendo-me, sobretudo, pelos interesses publicos, que nós procuramos zelar e proteger. *[Apoiados.]* Nem eu desconheço, snr. presidente, a gravidade das nossas responsabilidades. Em um paiz constitucional, sair para fóra da lei, saltar por cima da constituição, attentar contra as instituições estabelecidas é sem duvida um grave crime, um gravissimo peccado; é um ultraje ás instituições vigentes cuja importancia eu não dissimulo nem pretendo declinar.

E' certo, portanto, que somos réus de grandes culpas. Assim o confes-

samos, acceitando a nossa situação com todas as suas consequencias.

Mas, por quem manda Deus advertir-nos? Por quem é que a Providencia manda accusar-nos? Quem é o nosso julgador? De quem é a voz intemerata, pura, immaculada, que se levanta no tribunal da opinião, a accusar estês reus convictos das culpas que os esmagam, dos crimes que elles são os primeiros a confessar perante o paiz e perante a historia? Quem é essa vestal incontaminada, esse varão justo, que nunca praticou uma falta, que nunca se deixou macular n'um peccado de lesa-constitucionalismo?

Quem é, snr. presidente? E' o snr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello, ministro em 1881, *[Muitos apoiados.]* ministro da mais inexplicavel, da mais attentatoria dictadura. *[Muitos apoiados.]*

Eis ali, sr. presidente, o apóstolo, eis ali o defensor da localidade. Eis ali a vestal que vem accusar o governo, em nome da lei offendida, em nome da constituição ultrajada por estes ministros impenitentes, que vieram ao poder, quasi que exclusivamente para saltar por cima das leis, para offender a constituição, para desrespeitar as prerogativas e os direitos dos cidadãos!

Snr. presidente, não quero retaliar. Não quero accusar o illustre deputado. Não quero transformar esta questão n'uma questão esteril de represalias pessoas. Mas quando me vejo assim fulminado nos bancos do poder, pela voz eloquente do illustre deputado, não posso deixar de olhar para o seu passado, e de perguntar-lhe com que auctoridade vem s. ex.ª aqui accusar os ministros, por terem offendido a constituição, quando s. ex.ª, ministro em 1881, sem razão, sem necessidade, sem nenhuma justificação possivel, começou a sua vida ministerial, por praticar um gravissimo attentado, como foi o de decretar a lei de meios, em dictadura, *[apoiados]* diante de uma camara que estava prompta a votar auctorisações que s. ex.ª quizesse, para poder governar. *[Muitos apoiados.]*

Pois então, ha um direito constitucional para nós, e outro para vós? Pois só vós é que podeis ser dictadores? Só vós é que podeis offender as leis, e governar em dictadura sem nenhuma responsabilidade?

E nós, quando somos forçados pela necessidade politica d'uma situação, que não creámos, quando somos forçados pelas circunstancias, em que nos collocaram, a assumir a dictadura, nós, é que somos os réus, nós é que somos os criminosos, nós é que devemos curvar a cabeça diante do paiz, que nos não pôde acceitar nenhuma attenuante para nossa defeza? Não pôde ser.

Pois s. ex.ª querem para si o exclusivo da dictadura?

Gritam contra o monopolio do tabaco, e querem para si o monopolio da dictadura?! *[Muitos apoiados.]*

Nos paizes livres, a lei é igual para todos. Não pôde haver uma lei

para os illustres deputados da opposição e outra para nós. Quando o snr. Lopo Vaz entrou para o ministerio em 1881, não só decretou a lei de meios em dictadura, estando a maioria d'esse tempo prompta, seguindo as declarações feitas publicamente, a votar-lhe todas as auctorisações necessarias para governar, mas alem d'isso o governo, no intervallo das sessões, ainda se occupou em decretar actos dictatoriaes para reformar serviços publicos, actos que ainda tinham, só é possivel, menos justificação. *[Apoiados.]*

Preciso eu citar aqui a reforma que se fez no ministerio da marinha e no ministerio da justiça, a reforma da caixa de depositos, o regulamento das alfandegas, em que se inseriam verdadeiras disposições dictatoriaes?

E todavia o governo, quando no anno seguinte se abriu o parlamento, em janeiro, deixou funcionar a camara durante muito tempo, e só mais tarde, no dia 13 de fevereiro, é que lhe apresentou a proposta para o *bill de indemnidade*; e só no dia 1.º de julho, quando já tinha findado o anno economico é que publicou a lei, que continha o *bill de indemnidade*, absolvendo o governo das responsabilidades em que tinha incorrido.

E eis aqui, pois, como o snr. Lopo Vaz e os seus amigos provavam o seu respeito á constituição do estado n'aquella epocha! Eis-aqui o amor que s. ex.ª tinham á legalidade! São estes os seus precedentes, e é com esta auctoridade que s. ex.ª vem agora accusar-nos vehementemente por termos faltado ao respeito devido á constituição do reino, e praticado alguns actos de dictadura, exercida aliás, como eu espero provar á camara, tão legitimamente quanto o pôde ser por um governo qualquer no systema constitucional. *[Apoiados.]*

Mas não antecipemos. Eu deixo de lado as minucias, os pequenos incidentes, os accessorios com que o snr. Lopo Vaz bordou o seu discurso. Eu vou á questão principal, e a camara verá que a hei de tratar com lealdade e com franqueza, com o desassombro com que sempre costumo pôr e acceitar as questões nos debates parlamentares. Não recorro a subterfugios nem a artificios para de qualquer maneira attenuar ou iludir as responsabilidades que me possam caber, a mim ou aos meus collegas. Acceito francamente a questão, e apresento-me a responder perante o paiz, tal qual sou, defendendo os meus actos, taes quaes são, sem pedir misericordia nem commiseração.

Começou o sr. Lopo Vaz por falar na tregua partidaria, na tregua que se estabeleceu, nos primeiros dias da existencia do actual gabinete entre o governo e a antiga maioria d'essa camara; tregua que foi aqui proposta por mim e acceita pelos illustres deputados, e que, parece-me poder affiançar-lo, tambem foi bem acceita pelo paiz. *[Apoiados.]*

Mas s. ex.ª affirmou ter sido o governo quem rompeu essa tregua, porque, em janeiro d'este anno, foi elle quem provocou a questão politica na eleição da presidencia, estabelecendo o conflicto entre elle e a maioria.

Em primeiro lugar devo dizer a s. ex.ª a razão porque pedi a tregua partidaria, porque fallei n'ella, e porque disse aos illustres deputados que a deviam acceitar no interesse do paiz.

Não foi para alongar a existencia do governo; não foi para preparar uma situação politica mais dosafogada; foi unicamente porque a agitação em que se encontrava uma parte do paiz, obrigava o governo a aconselhar n'aquelle momento serenidade ás paixões, calma ás irritações partidarias e prudencia aos homens publicos.

Ignora alguém que n'essa occasião o norte do reino quasi que ardia n'uma guerra civil? *[Apoiados.]*

**Vozes:**—Oh! Oh!

**O Orador:**—Ignora alguém que entre duas cidades importantes da provincia do Minho, Braga e Guimarães, se tinha levantado um conflicto gravissimo que podia desfechar em gravissimas consequencias? ignora alguém que as propostas tributarias apresentadas pelo meu illustre amigo o sr. Hintz Ribeiro tinham concorrido para agravar essa situação?

Foi n'essa conjunctura dolorosa que o ministerio actual subiu ao poder.

Pergunto. N'essa situação, em circumstancias tão graves e difficeis, quando as paixões politicas se ateavam mais e mais, seria conveniente que n'esta camara se levantassem debates? que lá fóra podiam traduzirse em terriveis conflictos.

Foi por isso que n'aquella occasião pedi aqui e aconselhei aos partidos que depozessem as armas de combate e concedessem ao governo uma breve tregua para que elle podesse pôr termo á situação violenta em que estava uma parte do paiz. *[Apoiados.]*

A isto se reduziu a tregua partidaria que propuz. Mas essa tregua não era nem podia ser indefinida; devia ter um termo; tinha de acabar mais tarde ou mais cedo.

Nem o partido regenerador tinha desarmado perante o governo; nem este estava convencido de que esse partido o apoiaria.

Evidentemente essa tregua havia de ter um termo, e esse termo não podia deixar de ser no momento de se abrir a sessão parlamentar.

Antes de passar adiante, e já que fallei na questão de Braga e Guimarães, permitta-me v. ex.ª dizer de passagem aos illustres deputados quanto estranhei que o sr. Lopo Vaz não tivesse proferido algumas palavras, não de louvor mas de justa e imparcial apreciação do procedimento do governo relativamente a este assumpto.

V. ex.ª sabe que, na ocasião em que assumimos as redeas do poder

os illustres deputados se levantaram aqui e perguntaram repetidas vezes, quasi todos os dias, qual era o modo porque o governo lencionava resolver a questão levantada entre Braga e Guimarães.

V. ex.<sup>a</sup> sabe que essa questão era tão grave que o sr. presidente do conselho da situação caída, o sr. Fontes Pereira de Mello, foi á camara dos dignos pares declarar que a razão da queda do governo fóra o conflicto levantado entre aquellas duas cidades.

Havia, por conseguinte, uma questão séria, importantissima, tão difficil que determinou a queda do governo.

Mas, dizia eu, vinham aqui os illustres deputados perguntar como é que se resolvia a questão de Braga e Guimarães, e diziam «Como é possível resolver-se a questão em favor de Guimarães, mantendo-se ao mesmo tempo a integridade do districto de Braga?»

E os debates corriam de tal maneira, que me vi mais de uma vez em verdadeiros apertos e difficuldades. Todavia, prometti que se havia de resolver a questão a aprazimento de ambas as partes por uma providencia geral, sem que ficasse lesada a integridade do districto de Braga, nem padecessem os interesses de Guimarães, e o certo é que assim succeden. *(Muitos apoiados.)*

E depois de me terem aqui fulminado todos os dias com as suas antecipadas censuras, depois de me terem feito instantes e capciosas interrogações, para saberem qual era o pensamento do governo sobre tão grave assumpto, depois de verem a questão resolvida e o conflicto terminado, a contento das duas cidades; ficam silenciosos sem terem uma palavra, sequer, de louvor, para me dirigir! *(Apoiados.)*

Mas, como ia dizendo, o paiz estava agitado; n'uma parte do norte do reino havia uma verdadeira conflagração e por isso pedi á camara, em nome do interesse publico, que mantivesse uma certa calma no meio das suas paixões e que concedesse ao governo as treguas necessarias para poder socegar o paiz.

Resolvida que foi a questão entre Braga e Guimarães, era chegado, a meu ver, o fim d'aquellas treguas. Aberta a camara, o governo aguardou o procedimento da opposição, porque era por elle que se havia de regular.

E o que aconteceu então? Deuse um facto de alta importancia politica fóra d'esta casa, mas que não podia deixar de reflectir-se no parlamento.

O antigo presidente do conselho e chefe da opposição o sr. Fontes Pereira de Mello, convocou uma reunião da maioria da camara em sua casa e ali deliberou, de accordo com os seus amigos, eleger presidente um cavalheiro muito respeitavel e muito digno, mas que tinha uma significação politica demasiadamente accentuada.

No dia seguinte, sem que da parte do sr. Fontes houvesse a menor attenção para com o governo, a maioria fez eleger o cavalheiro cujo nome tinha sido indicado n'aquella reunião.

Diante d'este facto podia o governo ficar indifferente? *(Apoiados.)*

*(Continua.)*

## O IMPOSTO SOBRE OS ARROSAES

**V**OLTA novamente á discussão esta tetrica proposta que já ha annos encontrou a geral reprovação na imprensa, principalmente na do nosso districto e arrancou dos povos contra-representações, que provavam á sociedade a iniquidade d'um tal projecto de impostos, que então mais parecia uma extincção completa d'este genero de cultura.

Isto deveria ser o sufficiente para que se não voltasse a bulir n'esta questão, ou quando isso acontecesse, se usasse de toda a prudencia no processo e na occasião.

E' exactamente agora, quando a crise agricola está no seu periodo agudo, consequencia da falta de solicitude dos governos transactos; agora que o lavrador tem para luero do seu trabalho, o augmento das hypothecas na sua propriedade e a exigencia no augmento dos salarios; é n'este momento de descrença ou de vida ou de morte para o lavrador, que o sr. ministro da fazenda teve a infelicidade de se lembrar de tributar exaggeradamente a oryiscultura, que apesar de decadente, constitue ainda o ultimo reducto para as classes menos abastadas.

São nobres e elevados, sem duvida, os intuitos de sua ex.<sup>a</sup> ao lançar mão d'estes meios; mas muito inconveniente de certo seguir este caminho.

Os terrenos arrosaleiros, cançados hoje na sua producção, não podem por forma alguma com o imposto que o sr. Marianno de Carvalho pretende lançar-lhes. Fazer approvvar esse projecto; é propôr a extincção da oryiscultura. E isso é tirar esses restos de estabilidade e independencia ao proprietario; é tirar-lhe mesmo a possibilidade de satisfazer ao Estado as quotas que já lhe são exigidas. E' abrir uma porta á miseria e ao roubo; e outra á emigração e portanto á orphandade e á fome.

E tudo isto traduz um atrazo, uma inconveniencia, um erro.

E este quadro póde pintar-se com as mais negras côres no districto d'Aveiro onde o arroz constitue ainda a primeira fonte de receita, as outras producções muito escassas e os diversos ramos de industria atradissimos. E é certamente por comprehender isto que tivemos ha dias o prazer de ver o *Campeão das Provincias*, o primeiro jornal do nosso districto e um dos melhores de provincia, iniciar a defeza dos arrosaes e publicar uma representação dos proprietarios do concelho d'Aveiro, em que se pedia á camara dos snrs. deputados a regeição d'aquelle projecto.

Oxalá que o restante da imprensa do districto desprendendo-se por um momento d'uma politica mesquinha e ás vezes abjecta em que quasi sempre se occupa, se incorpore n'esta crusada de justiça e seja echo da opinião publica n'esta questão de tanta gravidade.

A imprensa do districto d'Aveiro conhecedora das funestas consequencias que a approvação d'aquelle projecto traz, sciente tambem da melhoria extraordinaria da salubridade no nosso districto depois d'aquella cultura, como é bem notorio, não pode dignamente conservar-se silenciosa perante esta medida do sr. ministro da fazenda.

Lembramos á camara municipal de Albergaria, assim como a todas as do districto, que como interpretes dos seus municipios e guarda

avanzada dos seus interesses, era conveniente e talvez indispensavel representar contra aquella medida que affecta a todos nós.

## REVISTA INTERNACIONAL

**T**ERMINOU, finalmente, a crise ministerial franceza.

Constituiu-se o ministerio com o sr. Rouvier.

Se agradou em parte a entrada de Rouvier para o ministerio, não agradou, ou antes irritou profundamente os animos dos outros cidadãos ao verem que o sr. de Freinet se tinha escapado o melhor que ponde para dar logar ao novo governo.

N'este numero entram alguns jornaes importantes que teem dado uma terrivel sova no sr. Rouvier e nos seus companheiros ministeriaes. *La justice, L'Intransigent, e L'Avalanche*, não os tem poupado ás suas iras. O advogado do governo, mais sensato e talvez o mais ou unico verdadeiramente ministerial tem sido o jornal *Le Temps*. Tem deffendido o ministerio com todas as suas forças e tem applaudido os parisienses por elles não terem feito caso das excitações d'alguns jornaes.

O que não obsta que todos digam que o ministerio Rouvier cairá como caiu o que foi presidido pelo sr. Goblet!

Em Inglaterra continuam as manifestações de sympathia ao sr. Gladstone.

Esta viagem tem sido um verdadeiro triumpho.

As multidões em todas as gares fazem-lhe ovações delirantes, entusiasticas.

Na Irlanda tem havido scenas violentas contra as auctoridades. Em Bodygke quando as auctoridades iam proceder ás evicções, os irlandezes lançaram sobre ellas, bacias d'agua a ferver e muitas garrafas á falta d'outros projectis. A policia só a muito custo tem podido conter a multidão.

O sr. Parnell continua melhorando dos seus encommodos e brevemente tomará assento na camara.

O principe imperial da Alemanha continua gravemente doente. Alguns que o examinaram dizem que o principe está com um começo de cancro na laringe. O celebre medico inglez Mackensie já partiu novamente para Berlim afim de examinar o principe.

O imperador Guilherme partiu em direcção a Kiel, para assistir ás festas que hão-de celebrar-se por motivo da inauguração das obras do canal entre o mar Baltico e o mar do Norte.

## NOTICIARIO

**Longevidade.**—Vive n'uma pequena povoação da comarca de Cabeceiras de Basto, uma mulher com 110 annos.

Vê perfeitamente e ainda trabalha na agricultura.

**Viagem regia.**—No proximo sabbado partirão para Londres os duques de Bragança.

**E' quasi inacreditavel**—Em Valencia está uma mulher de 38 annos de idade, que tem apenas 38 centimetros de altura, isto é, proximoamente dois palmos. Falla quatro linguas. Talvez venha a Portugal.

**Incendio da Opera Comica.**—O *Figaro* calcula em 150 as pessoas, que pereceram n'essa grande catastrophe.

Suppõe-se que não apparecerão mais restos humanos nos desentulhos.

O movimento de caridade em favor das familias das victimas tem sido immenso e por toda a parte.

### O augmento de matriculas.

—O projecto em virtude do qual são elevadas extraordinariamente as matriculas nos cursos superiores, produziu profunda sensação e geral indignação na briosa classe academica. Parece-nos que os estudantes lencionam representar ás camaras contra aquelle augmento.

Na verdade é para lamentar que surjam mais difficuldades á instrucção da mocidade, que já hoje se torna tão exigente entre nós.

Em Paris pelo simples augmento de 30 francos nas matriculas houve ha dias da parte da academia uma reacção enorme contra o governo.

**Parabens.**—Ha dias fez acto de 4.<sup>o</sup> anno de direito na Universidade de Coimbra, o sr. Adolpho Rodrigues da Costa Portella, de Agueda, um dos nossos collegas da *Soberania do Povo* e irmão do sr. dr. Manoel Rodrigues da Silva Pinto, lente da eschola-medica do Porto.

**Encerramento de matriculas.**—Segunda feira passada foram encerradas as matriculas na eschola-medica do Porto; os actos começam no dia 13 de junho.

**Caldas de S. Pedro do Sul.**—Partiu para ali ha dias o nosso velho e honrado amigo, o sr. Antonio Joaquim de Freitas, que ha alguns mezes tem soffrido bastante do rheumatismo.

Desejamos que encontre as melhores que deseja e é digno.

**Produção musical.**—Estará á venda, por estes dias, uma nova valsa para piano, intitulada *Perola*, de que é author o sr. Annibal Vasco Leão.

O seu custo é de 600 reis.

**Nova traducção dos «Lusíadas».**—M. Henri Courtis, um cidadão francez muito intelligente e muito illustrado, que vive ha annos em Portugal, traduziu para o seu idioma, em verso, a grande epopea de Camões.

**Desgraça.**—Na segunda-feira á noute, ao entrar nas agulhas de Cacesm o comboio de Cintra, caiu do estribo o factor Coutinho, fracturando o craneo e morrendo pouco depois.

Tinha 33 annos, deixando viuva e 3 filhos.

## SECÇÃO LITTERARIA

## NA PRAIA

O rude coração do amargo oceano  
Tem virtudes energicas, austeras:  
Dá um heroico lampejo ao corpo humano,  
Um sadio florir de primaveras.  
Essas almas dolentes, requebradas,  
Tristes como o cantar de um rouxinol,  
Fal-as fortes viris, illuminadas:  
Brilhantes como o sol,  
E rijas como espadas.  
Um corpo frouxo e morbido e franzino,  
Cheio de pallidez etherea e doce,  
Forma-o como se fosse  
De bronze crystallino.  
Depois o aroma acre dos pinheiros,  
A borrascosa voz dos marinheiros,  
E a vastidão da esplendida paisagem,  
Tudo faz rebentar em nossos peitos  
O bronze inabalavel da coragem.

Deixae os plumeos leitos  
Onde o espirito languido desmaia!  
Vinde viver na praia  
Entre as coisas sadias, triumphantes  
Do bello mundo antigo!  
E despi' esses vicios irritantes  
Como quem despe uns trapos de mendigo!

Viver n'uma casita á beira mar  
Feita no gosto inglez,  
Casa de um só andar  
E sem balcão chinéz;  
Ler paginas, vibrantes, luminosas,  
Ricas de coisas sãs e duradoiras;  
Beijar creanças puras, vigorosas,  
Ainda mesmo que não sejam loiras;  
Junto a isto um amigo verdadeiro,  
Saude e algum dinheiro,  
Eis a vida melhor, mais pittoresca  
Que existe á luz do dia...  
A vida assim é uma roseira fresca  
Inundada de orvalhos de alegria!

Guerra Junqueiro.

## UMA CARTA

A MADRUGADA já ia com suor,  
já tinha caminhado alguma  
coisa atravez as montanhas scintil-  
lantes, cheias de pedrarias e relva  
azul do infinito. Aquillo, decerto,  
era a fugir ao sol - ao doído amante  
que desde eternamente a busca pa-  
ra a beijar, mas que nunca o conse-  
gue, porque ella—a agonia da noite,  
mal o presente por traz uma mon-  
tanha já ella tem transposto a outra  
que fica n'um outro horizonte, lá  
muito ao fundo, quasi a perder-se.

E eu ao ver aquelle immenso de-  
sejo d'aquelle corpo immenso onde  
um coração se abrasa e nos aquece;  
ao ver aquella cautela enorme da  
aurora que sempre foge e foge sem-  
pre, até desaparecer com a certeza  
de nun-a se deixar beijar—compa-  
rei-me exactamente a elle, ao seu  
desejo, e em ti achei umas vagas si-  
milhanças com a madrugada.

Tu não foges tanto é verdade,  
ainda te chego a ver; mas nunca te  
vi que me visses.

Então eu que não queria ser co-  
mo o sol, porque era o mesmo que  
não te ver já mais, desejava selo  
porque nunca te teria visto.

Com effeito, é duramente triste  
que tu me vejas ás vezes, por um  
simples acaso, sem que te veja!

Comprehendes o que é um cora-  
ção a escrever?

A madrugada se é a agonia da  
morte, tambem tu és a agonia do meu  
ideal, que o meu ideal tambem tem  
a sua noite. Só acho uma differença:  
atrás d'essa agonia não vem o sol de  
teu olhar. Eu é que te busco, nunca  
o teu me buscou...

Não é uma differença triste, es-  
ta?

E olha: se tu fosses o sol e eu a  
madrugada, não havia nada d'isto.  
Caminhava para ti ainda que não  
quizesse, nunca te fugiria, havia de  
desapparecer ante o teu brilho.

Assim sou um sol sem luz nem  
calor, porque sou triste

Se nunca viste as cachoeiras no  
rio, repara. A agua cae continuamen-  
te produzindo os mesmos effeitos.  
Vê-se a espuma fervendo, e a mes-  
ma effervescencia, sempre unisona  
e triste.

Atrás de uma nuvem espumosa,  
outra nuvem. Por isso é que aquel-  
les brancos cachões d'agua fria, lá  
estão eternamente, fervendo uniso-  
namente triste. E todavia a agua já  
não é a mesma.

A's vezes acontece os cachões  
turbarem-se, mas é porque houve  
uma tempestade. Passado ella, elles  
tomam a mesma côr e uma outra es-  
puma fervendo.

Pois bem, eu tambem sou assim.  
Tenho a mesma persistencia dos ca-  
chões brancos, o mesmo marulhar  
que de ha muito sinto. E muito em-  
bora me tinjas a alma de negro, ti-  
rando-lhe aquella boa côr branca,  
da honestidade, que todos devem  
ter, e o meu ideal se desfaca, a pon-  
to talvez, de te chegar a odiar,—que  
sou como uma cachoeira. Passado o  
temporal que eu mesmo formei e tu  
me fizeste formar, passam tambem  
os negrumes, a persistencia volta e  
o mesmo sentir o sinto, porque atrás  
de um ideal outro vem, semelhante  
ao outro e produzido pela mesma  
causa—o meu desejo.

Nunca te aconteceu deixares ca-  
hir o olhar sobre uma pedra engas-  
tada n'um anel, e tel-o ali por muito  
tempo, paralytico, como que despre-  
gado de teus olhos que devem ser  
travessos e bons?

Pois cre que o teu amor é a pe-  
dra que me falta engastar no anel  
que o meu ideal sonhou.

E quem sabe? Talvez tu me fujas  
por veres que sou um anel sem pe-  
dra!

Mas como poderia eu desejar-te,  
se já tivesse uma? Bem sabes que  
ha anneis para muitas pedras, mas  
eu só te queria a ti.

E não pode acontecer que, de-  
pois de engastar o teu amor, ainda  
que falso, tu baixes o teu olhar e  
tel-o em mim por muito tempo, pa-  
ralytico, como que despedido de  
teus olhos, com certeza, travessos e  
bons, por me veres andar alegre co-  
mo a alegria anda? Não pode acon-  
tecer, então, tu desejaras-me como  
eu te desejo a ti?

Olha, vou repetil-o: eu tenho um  
desejo immenso, como o sol, a mes-  
ma persistencia das cachoeiras. Mas  
se ainda continuas a ser para mim

a madrugada a fugires, a fugires  
sempre, lembra-te que sou um an-  
nel sem pedra, e equivale a dizer  
uma alma com sede de ti, ainda que  
tu sejas o Mal.

João Chrysostomo.

## FORMOSA E SYMPATICA

Se em noite de primavera  
tu voasses para os ceus,  
os astros irradiantes  
não seriam tão brilhantes  
como a luz dos olhos teus.

Se Raphael te admirasse,  
teria inspirações mil;  
e n'uma tela divina,  
despresando a Fornarina,  
retratára o teu perfil.

Se te vissem as serpentes,  
Giboias e jacaris,  
saíam dos seus covis  
e iriam em reptis  
beijar-te os pequenos pés.

Se illuminar fosse os astros  
do teu olhar o clarão,  
leões, tigres e pantheras,  
hyenas, ursos e mais feras  
iriam lambe-te a mão.

Se assistisses á contenda  
que no Olympo se travou  
quando a Discórdia zangada,  
vingativa e despeitada,  
um aureo pomo atirou.

Despresaria as trez deusas  
o legendario pastor,  
e o bello pomo doirado  
o Páris maravilhado  
iria aos teus pés depôr.

Se existisses em Athenas,  
vendo teu rosto sem par,  
os gregos da antiguidade  
proclamavam-te deidade  
a fim de erguer-te um altar.

Alice Moderno.

## COLLAR DE PEROLAS

Esse collar de perolas sem par,  
Que te rodeia o collo assetinado  
Parece que rolou, brando e magoado,  
Dos teus formosos olhos ao chorar...

Foram rolando as lagrimas e a chorar  
O teu seio tão pallido e tão frio,  
Que, apenas a mais limpida cahiu,  
As pobresitas, tremulas, gelaram.

João Saraiva.

## BUENA - DICHIA

[Continuado do n.º 12]

Quem será elle? pensava o con-  
de. Será homem ou mulher? Estas  
vestes mal feitas, nada correctas,  
esconderão um embusteiro ou um  
ente sobre-natural? A voz tão doce,  
tão melodiosa, tão tentadora será  
d'um anjo ou d'um demonio? Espe-  
remos, pode ser. Quem sabe se mor-  
rerei hoje mesmo ou amanhã ou se  
viverei ainda muitos annos?

Divagava d'Armond n'estes pen-  
samentos que tanto o atormentaram,  
quando o cigano encarando-o fixa-  
mente lhe disse:—Conta-me o teu  
passado.

—Dize-me o meu futuro—respon-  
deu d'Armond.

—Não posso, disse o bohemio,  
os traços da tua mão que me haviam  
d'indicar o teu futuro, perdem-se  
muitas, vezes escondem-se e não os  
posso ver, por isso preciso d'um au-  
xilio.

—Pois então, ouve: Sou o conde  
d'Armond, fidalgo de uma antiguis-  
sima casa, rica e honrada. Novo ain-  
da, porem cansado de gosos, perdi  
toda a minha fortuna sem pensar  
que um dia, a sorte tão variavel e  
muitas vezes ingrata me arrastaria á  
miseria, á fome. Gastei a minha ri-  
queza, não n'esses divertimentos que  
deleitam e não fatigam; mas n'aquel-  
les em que as orgias e as mulheres  
eram por mim consideradas como o  
melhor dos passatempos e o jogo, o  
sugadouro das minhas enormes ri-  
quezas.

Agora, arrependido de tudo quan-  
to fiz, sósinho no mundo, pobre,  
quero saber o meu futuro. Deves  
estar satisfeito, satisfaz-me agora.

—Mentes, disse o bohemio, o teu  
passado não foi esse. O conde tor-  
nou-se vermelho de cólera. O orgulho  
revolta-se.

Não minto, disse elle serenamen-  
te. O desconhecido, então tornou a  
olhar para a mão dizendo:—Nunca  
fizeste mal a ninguem?

—Nunca.  
—Reflecte no que dizes.  
—Nunca, já disse!  
—Foste muito rico?

—Fui.  
—Ainda tens dinheiro?  
—Muito pouco, estou arruinado,  
pobre; uma peça d'ouro é toda a mi-  
nha fortuna.

—Nunca deste uma esmola?  
—Não.

—Ah! disse o cigano satisfeito,  
advinhei o segredo. Precisas de a  
dar, pois que a esmola vai avivar os  
traços da tua mão.

O conde tirou a peça d'ouro e en-  
caminhou-se para a porta, depois

parou e disse:—Não, não vou, já não saio d'aquí sem saber o meu futuro.

—Podes dar a esmola sem sahir d'aquí, disse o cigano.

—Ah! é verdade, toma-a tu; e deu-lhe a peça.

—Deixa ver a mão. O conde estendeu-a, dizendo:

—Anda, estou ancioso.

—Nada, não posso ler, disse o cigano; linhas apagadas, nenhuns indícios, emfim podes retirar-te.

—Tenta um ultimo esforço, disse o conde com tristeza.

—Espera, continuou o cigano, agarrando-lhe com força na mão, vira o rosto. O fidalgo assim fez, mas mal voltara o rosto deu um grito, na mão sentira uma dór aguda, forte, penetrante e no mesmo instante ouvia dizer:

—Mentiste, não és fidalgo, teu sangue é vermelho, da côr do meu. Se fosses nobre o teu sangue seria azul.

—Atrevido, impostor, gritou o conde, heide-de castigarte e olhando a mão ensanguentada, levantou-a e deu em cheio, com força e rancor uma bofetada na cara do bohemio.

A mascara cahiu e o conde pôde ver então o rosto mais formoso, o ideal mais perfeito que a phantasia pôde imaginar, a belleza mais seductora e captivante. Branca, loira, com a côr das rosas nas faces, parecia um anjo. O conde pallido, frio, diante d'aquella donzella tão nova, tão bonita, só pôde dizer:—A ultima moeda foi para a ultima das mulheres. Obrigado, um peça d'ouro e uma bofetada para saber o meu futuro. Mas, disse ella, nunca o saberás.

O conde sorriu-se e mostrou-lhe o sangue, dizendo: Estou farto de viver, este sangue patenteou-me o futuro; dentro de meia hora morrerei. A donzella, depois do conde sair, apanhou a mascara, collocou-a no rosto e sentou-se no divan.

Ao descer as escadas o conde tornou a ver á porta as letras d'ouro que diziam—Luiza Bohemio.

Alberto Costa.

## RECEIO

Eu tenho muito receio,

Que me fuja o meu amor,

E que me deixe no meio

D'uma agonizante dór...

Eu tenho muito receio!..

A sua voz maviosa,

Deixou-me preso, encantado,

Tem a frescura da rosa,

Tem um timbre delicado

A sua voz maviosa.

O brilho dos olhos seus

Tem um poder fascinante,

Nem as estrellas nos ceus

Têm um brilho semelhante

Ao brilho dos olhos seus,

O seu rosto seductor

Tem a belleza que encanta,

Tem o suave frescor,

Que a madrugada levanta,

O seu rosto seductor.

Eu nem quero imaginar,

O que me succederia

Se a luz d'aquelle olhar

Me desaparecesse um dia,

Eu nem quero imaginar.

Que tristezas, que martyrio

Não sentiria eu então,

Sem ver o celeste lyrio,

Que me alegra o coração,

Que tristezas, que martyrio

Se me fuge o meu amor

Eu endoudeço em seguida.

Só a idea causa horror!..

Que vida, meu Deus, que vida,

Se me fuge o meu amor!

Porto, Abril. 87.

J. Brites.

## A ELLA!

(L. A.)

Se te digo com ardor  
que te idolatro;...tu não, crês!  
Tenho culpa que d'este amor  
inda duvides?

—Não, bem vês!—

Mas o que hei de então fazer  
Para acreditares?—Eu sei lá...!  
...Se tu sentisses prazer  
n'um doce beijo.....

—Da-m'o cá!!...—

7-6-87.

Annibal Leão.

## NO JARDIM PUBLICO

Appetitosa como uma romã madura, uma rosa escarlata abrindo as petalas setineas, depois o seu vestido muito claro e o elegante chapéu de palha com flores e o andar sosinha, dava-lhe o tom gaiato d'uma *lorette* moderna.

Susanna, era a encantadora Susanna! A unica visitadora do jardim áquella hora. Todas as manhãs vinha-o visitar; tinha-o já como seu, e ninguem dizia nada quando ella sahia com enormes e encantadores *bouquets* formados das lindas flores que colhia. Innegavelmente era uma formosa rapariga.

Os guardas habituados a verem-na entrar áquella hora, quasi que nem despertavam á sua chegada, dormiam descangados ás portas e a lua do sol a formar-se, infinitamente loira, doirando a areia das ruas ensaibradas, punha brilhos magneticos nas folhas das japonieras.

Mansas, as aves, nos seus palacios de zinco, pintados a côr garridas, banhavam-se nas taças de loiça ordinária, ou passejavam donairas, sacudindo das pennas delicadas os atomos de poeira que se levantara na vespera.

Ella, ao entrar, rodeara tudo e deixara n'um dos bancos, a sua pasta com aguarellas e foi correndo, descuidada, muito alegre, como uma criança travessa, livre, sosinha, brincar por entre os massios de flores...

E cançou! Deixou-se desfallecer, sobre a relva ainda humedecida do orvalho que cahira, arquejante, o coração a querer-lhe saltar do peito, e estalados os colchetes do corpete, desnudou-se a carnção sadia, rosada, tímida, do mais lindo seio de mulher emulduado de rendas transparentes, finas, a quererem-na velar n'uma pudicia de virgem.

Nem tinha forças para se levantar e só queria poder dormir áquella sombra, dormir, dormir muito, descansando das fadigas loucas de correr atrás de borboletas a quem atirava por ultimo com o seu lindo chapéu que foi como um louco sobre o lago. E só agora se lembrava de que era preciso ir buscal-o. Tinha ficado tão zangada. Talvez que encontrasse um guarda que lh'o fosse buscar?!

Levantou-se então muito ligeira e compoz a sua *toilette* rigorosamente. Foi passar por o lago e junto a elle ficou um pouco a olhal-o, demorada, contemplativa, tristemente abysmada em cogitações espantosas do perigo que corria o seu engraçado chapéu de palha, que boiava como um cysne, na agua estagnada, ludosa, com os mesmos requiebrros, a mesma doidice d'uma ave, as fitas claras a simularem azas...

Chegou até a sorrir!

Mas ella não podia ir para casa assim! Que diriam?

Teve então um pensamento sublime, salvador, ir ella mesmo buscal-o! Nem lembrou mais nada, saltou o varandim e logo na margem, arregaçadas as mangas a deixar o braço n'ú; d'uma epiderme avelludada, linda, principiou a bater na agua, á chamal-o... E elle, o egoista, cada vez mais ao largo!

Principiara a zangar-se! Queria que o chapéu a reconhecesse, não era ella a sua dona? Teria pois de ir chamar ainda o guarda? Mas... estava toda molhada já e se não fosse muito fundo o lago, já agora, iria ella mesmo buscar a pé. —Sim, que ella não sabia nadar...

E na verdade, era para resolver-se, um palmo apenas d'agua! Descalçou logo os sapatos bronzeados, *mignons*, tirou logo as ligas, as meias escuras, que cahindo sobre a relva deixaram ver na sua completa nudez umas encantadoras formas que faziam adivinhar muito! —E ella foi

subindo a saia listrada, com uma graça infinita, elegante...

A agua estava muito fria, gelava; um dos pesitos, uma miniatura, arrocbeou logo ao seu contacto, ella estremeceu toda, soltando um pequenino grito!

Tinha sido deveras louca a expôr-se a que alguém a visse.

Muito envergonhada, cortou então ligeira, uma haste d'um arbusto ao pé e assim conseguiu tirar do lago, o chapéu todo encharcado.

A manhã estava muito clara, d'um relógio ao longe, ouvia-se o sino das oito horas, os guardas espanavam diligentes os bancos, os guardas apanhavam as folhas velhas cahidas, e na sua faina, um d'elles, um velhote d'olhos, déra muito surpreendido com as aguarellas de Susanna; tirando os olhos esfumados, acabou de fungar uma pitada com que ficara em meio, limpou-se depois ao lenço azulado com pintas negras e examinara socegradamente pela segunda vez as aguarellas ao tempo que ella soltara o grito, no lago. Precipitado, julgando-se apanhado em flagrante delicto de curiosidade, deixou tudo e correu para o seu posto e querendo tornar mais rapida mesmo a fuga atravessou por entre os arbustos e sahiu precisamente em frente ao lago e onde viu Susanna no momento em que ella se mostrava mais encantadora, tanto que o velhote sentira-se estremecer de surpresa, de entusiasmo!

—Ella tem a pagar uma multa, diz elle, é contra as posturas, mas é tão bonita... E procurou vel-a sahir e quando Susanna mostrara o chapéu desbotado, elle dizia muito malicioso: —Se eu vi... Se eu vi...

Maio—87.

Adir-Agram.

## HORAS VAGAS

CHARADAS NOVISSIMAS

(Ao snr. Narciso d'Albuquerque)

2, 2. Esta mulher ao cimo d'agua dá luz.  
1, 2. Quem affirma a dignidade, não a tem.

Caloiro.

## ANNUNCIOS

### VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.<sup>a</sup> UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.

Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.

José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.

Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com especialidade as marcas FLATTING e CRYSTAL, tanto de primeira como de segunda qualidade.



E já bem conhecida a superioridade d'estes vernizes.

Dá-se amostras a quem as pedir

### PREÇOS

Verniz Flatting, de 1.<sup>a</sup> qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.<sup>a</sup>, 15800 reis.

Verniz Crystal, de 1.<sup>a</sup> qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.<sup>a</sup>, 25000 reis.

Desconto para revender.

IMPRENSA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.